

Rogério Andrade Barbosa

0114.1

BICHOS DA ÁFRICA³

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciza Fittipaldi



19ª
edição

OM
MELHORAMENTOS

Rogério Andrade Barbosa

BICHOS DA ÁFRICA

Lendas e Fábulas

Ilustrações de Ciga Fittipaldi

Por Que os Cães Cheiram Uns aos Outros
O Julgamento da Tartaruga



Quando os cães governavam-se a si mesmos, havia dois grandes reinos chefiados por poderosos cães. Cada um deles gabava-se de ter mais súditos e riquezas do que o outro. Embora fossem adversários, viviam em paz, e essa trégua só foi quebrada no dia em que um deles se apaixonou pela irmã do outro chefe. Perdido de amores, ele se dirigiu pessoalmente aos domínios do rival:

– Meu nobre amigo – disse o cão apaixonado –, fiz essa longa e cansativa viagem até o seu reino para pedir a mão da sua irmã em casamento.

– Com a minha irmã?! – respondeu aos gritos o outro cão.
– Não quero que você case com ela de jeito nenhum.





Humilhado com a resposta, o cão desdenhado voltou furioso para a sua corte. Assim que chegou, reuniu o Conselho de Guerra e mandou chamar um fiel servidor para que levasse a seguinte mensagem ao seu inimigo:

– Diga-lhe que, como recusou-me a mão da irmã, que se prepare para lutar, pois dentro de poucos dias vou marchar com meu exército para destruí-lo.



O mensageiro ouviu tudo bem direitinho e já ia partindo quando um dos conselheiros reais o chamou:

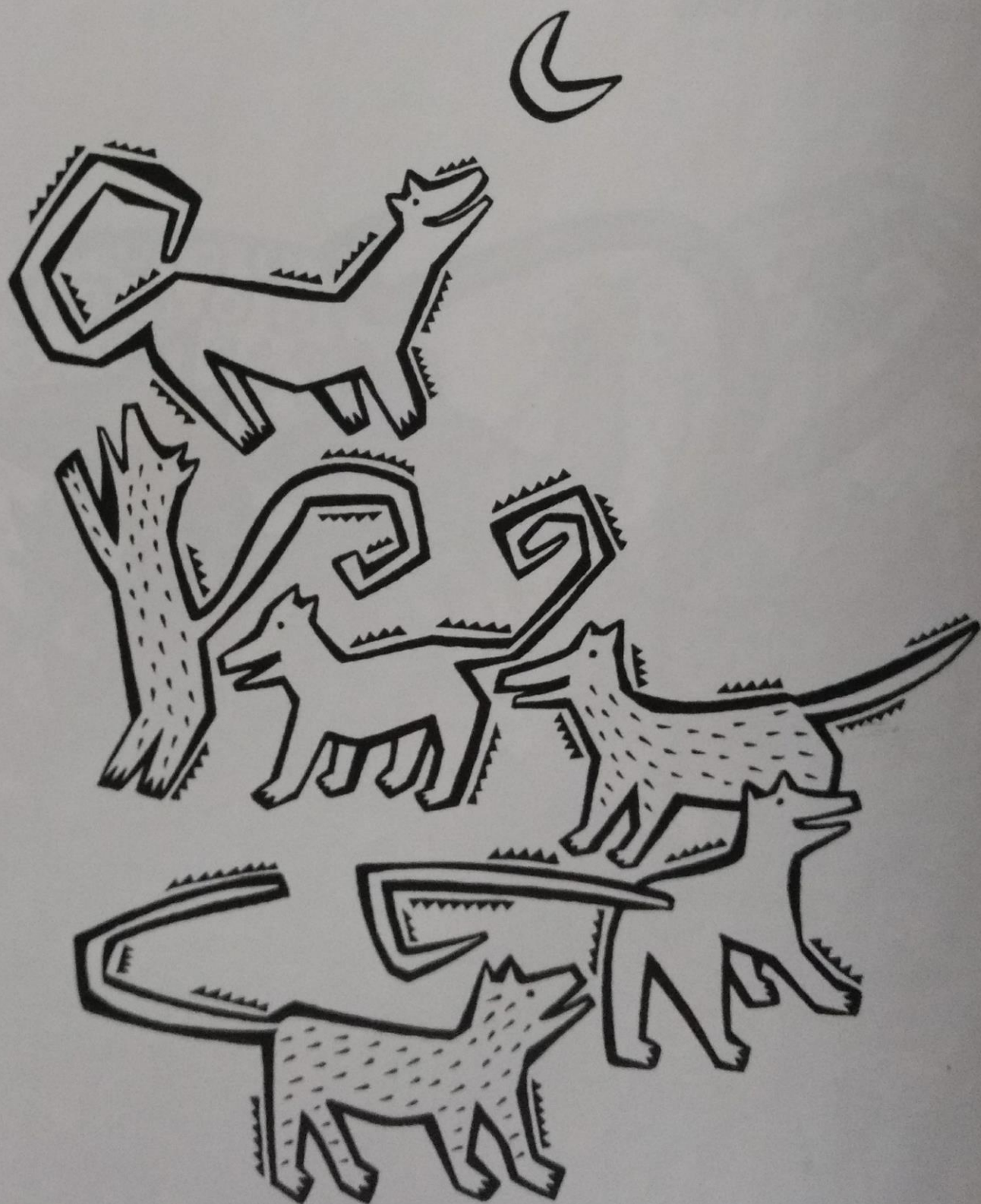
– Você não pode sair assim todo sujo – disse o conselheiro real. – A sua cara e a sua cauda estão imundas.

Os criados deram um longo banho no mensageiro e perfumaram a cauda dele com os melhores perfumes do reino, pois, de acordo com o costume daquele tempo, um mensageiro tinha que se preparar adequadamente para executar uma tarefa.



No caminho, o mensageiro achou-se tão cheiroso e galante que começou a procurar esposas para ele mesmo, deixando de lado a missão que o chefe lhe havia confiado.

É por isso que os cães andam sempre atrás uns dos outros, cheirando as suas caudas, para ver se acham o mensageiro perdido.





2. O JULGAMENTO DA TARTARUGA

Vovô Ussumane fazia parte do tribunal da aldeia. Quando os aldeões tinham algum problema para resolver, como a venda e compra de gado, brigas de marido e mulher, casos de feitiçaria e outras questões, era o conselho dos anciões que decidia os pleitos. De acordo com os usos e costumes tradicionais, os velhos são a autoridade maior e a quem todos devem respeitar e acatar.

Após um desses julgamentos populares, Vovô Ussumane atrasou-se um pouco, mas, logo que chegou ao redor da fogueira onde a garotada o esperava pacientemente, já sabia a história que ia contar...

Uma tartaruga, bem velhinha, tinha muita dificuldade de arrumar alimentos. Decidiu, então, pedir ao vizinho que cavasse um túnel do quintal de sua casa até a clareira onde os animais da região faziam a feira semanal.

O coelho pôs-se logo a trabalhar e escavou o túnel em poucos dias. A tartaruga agradeceu bastante ao amigo pelo magnífico trabalho realizado e, no outro dia, de manhã cedinho, meteu-se pelo buraco rumo à feira. Ao chegar lá, colocou a cabeça para fora do túnel e ficou com água na boca com o que viu: uma multidão de tudo que é bicho do mato vendendo e comprando montanhas de frutas, legumes e cereais, numa algazarra tremenda. A tartaruga, sem sair do buraco, engrossou a voz e gritou o mais alto que pôde:

– Os caçadores! Fugam todos! Aí vêm os caçadores!

Os animais, ao ouvir aquela voz estranha saindo das profundezas da terra, como se fosse um aviso dos deuses da floresta, fugiram em desabalada carreira, largando cestas e mercadorias para trás.

A anciã, depois de se certificar de que estava tudo no mais completo silêncio, saiu do esconderijo e levou para casa tudo o que conseguiu colocar dentro de um saco.





Nos outros fins de semana, a dona do casco enrugado usou o mesmo truque, sempre com sucesso. A bicharada, desconfiada, formou uma comissão e foi se queixar ao leão:

– Majestade – disse um deles. – Não estamos mais suportando os prejuízos. Toda semana essa voz misteriosa, que ninguém sabe de onde vem, nos faz abandonar as mercadorias e, quando voltamos, quase tudo foi levado. O senhor precisa dar um jeito nisso.

O leão ouviu o relato com atenção e, apontando para o macaco, ordenou:

– Você vai ficar de vigia em cima de uma árvore sobre o mercado, para ver se descobrimos quem é esse espertalhão.



No outro domingo, como das outras vezes, os feirantes fugiram aos gritos tão logo ouviram aquela voz sobrenatural anunciar a chegada dos caçadores. Só a sentinela, tremendo de medo, escondida entre as folhas de uma árvore muito alta, ficou e descobriu tudo o que se passava lá embaixo. E só parou de tremer quando viu aquela carapaça ambulante sair de um buraco escolhendo o que tinha de melhor com a maior calma do mundo.

O macaco contou o que aconteceu para o rei da selva, que mandou prender e julgar a larápia.



No dia marcado para o julgamento, a tartaruga apareceu com uma bela viola e começou a tocar na frente do leão, dos juízes e dos outros animais reunidos no tribunal. A música era tão bonita que toda a plateia se pôs a dançar e a cantar, esquecendo-se inteiramente do julgamento. O leão, encantado pela doce melodia, dispensou todos os animais e pediu à artista:

– Gostaria de ter um instrumento igual ao seu. Você pode fazer um bem bonito para mim?

– Não é fácil, majestade – respondeu a finória. – Para que o som saia bem bonito, é preciso um material especial.

– Mas eu consigo tudo o que quero – rosnou o imperador da mata.

– Bem... – continuou a velhota sabida. – Para fazer as cordas desta viola, eu preciso de tripas secas de macaco.

O monarca, então, chamou o leopardo e disse-lhe que fosse pegar o vigia, pois precisava de suas tripas. O macaco, que estava escondido num canto ouvindo a conversa, fugiu para muito longe e nunca mais apareceu por ali. Como ele era a testemunha principal de acusação, a tartaruga foi absolvida e deixaram-na partir em liberdade.





Apresentação da Série

Rogério Andrade Barbosa, em seus contos, usa Vovô Ussumane como um contador de histórias que mostra a oralidade como uma atitude diante da vida e não a ausência de uma habilidade – a de escrever.

Encontramos, nessas narrativas, a transmissão de fatos do passado e, principalmente, a atualidade, já que a tradição oral não traduz um período já ultrapassado da vida de um povo, mas sim uma forma de “ser permanente”, num faz-se, desfaz-se e refaz-se que caracteriza uma cultura, distinguindo-a de qualquer outra. Dessa forma, ao transmitir valores e ao ensinar a filosofia de seu povo para o menino Malafi, Vovô Ussumane utiliza as histórias de animais, que são os mitos tornados publicamente inteligíveis e que traduzem as conclusões cuidadosamente elaboradas pela comunidade, para permitir a estruturação da personalidade de seus integrantes e caracterizar uma maneira típica de ser.

Assim, Vovô Ussumane não sonha enquanto rememora, pois desempenha uma função para a qual está preparado: unir o começo da vida ao seu fim, alargando as margens dos rios caudalosos, representados pelas novas gerações, com a tranquilidade que absorveu de outros rios revoltos que encontrou no passado. Enfim, os contos nos falam da vida, da continuidade histórica, de transcendência. Valorizam a sabedoria dos mais velhos, a potencialidade das crianças, revelando a importância do amor, da amizade, do respeito, da solidariedade e da vida em comunidade.

A tradição oral, no Terceiro Mundo, é importante fator de enriquecimento e afirmação da identidade social. A série Bichos da África vem esclarecer os valores civilizatórios africanos, tão pouco conhecidos pela comunidade negra brasileira, que luta por ser reconhecida e por se integrar no conjunto da sociedade.

Estes contos tradicionais africanos de animais demonstram claramente as estratégias próprias da cultura negra, que possui uma força efetiva e se antepõe a uma ordem cultural branca, que, em um país plural como o nosso, sempre se quis hegemônica.



Helena Theodoro Lopes

Série
BICHOS DA ÁFRICA
Lendas e Fábulas

Nas sociedades africanas que ainda não têm escrita, a tradição e a história desses povos são transmitidas em belas narrativas por velhos sábios, chamados griôs. Debaixo de uma árvore ou em volta de uma fogueira, homens, mulheres e crianças se reúnem para ouvir essas narrativas envolventes, que divertem, transmitem costumes e valores morais.

Rogério Andrade Barbosa conviveu com esse mundo fantástico e coletou fábulas dos mais queridos animais desses povos, as quais podem trazer maior conhecimento da cultura africana para o nosso leitor.

A partir da arte ioruba, Ciza Fittipaldi criou as ilustrações, explorando o universo fantástico e exuberante da África.



BICHOS DA ÁFRICA 1

A Mosca Trapalhona • A Tartaruga e o Leopardo

BICHOS DA ÁFRICA 2

A Moça e a Serpente • A Vingança de Eraga
O Cassolo e as Abelhas

BICHOS DA ÁFRICA 3

Por Que os Cães Cheiram Uns aos Outros
O Julgamento da Tartaruga

BICHOS DA ÁFRICA 4

O Jabuti e o Chacal • A Águia e o Gavião
O Gato e o Rato

ISBN 978-85-06-06022-3



9 788506 060223